

MORTEIRADAS (5)

“OPERAÇÃO VIANA” - 40º ANIVERSÁRIO

06 / Fevereiro / 2010



« E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente. »

CAMÕES

Olá, rapaziada! ... Olá, minha boa e nobre gente!



“Armado” em Egas Moniz,...a caminho de Toledo (só me faltando o... baraço ao pescoço!...)!... Já que ao longo da “barra” (e apesar do muito e bom tempo... já decorrido...) nada se avista!...

Fortemente instado... (vimos, ouvimos e lemos, não podendo, pois, ignorar!...)

Cá vem o vosso amigo MEIRA dar (uma vez mais...) o corpo ao manifesto!... I

Eis, pois, a minha (penso que isenta...) versão dos “acontecimentos”:

Depois de um Janeiro e inícios de Fevereiro algo instáveis, chuvosos e desagradáveis, o dia 6 de FEVEREIRO de 2010, como que querendo contribuir também para o sucesso do nosso alegre CONVÍVIO (comemorativo do 40º aniversário da nossa partida para Moçambique) em terras vianenses, presenteou-nos com um dia bastante agradável, extremamente ameno, repleto de luminosidade e (muito importante!...) sem chuva!

Por volta das 10H30, para a bonita, prendada e airosa “Sala de Visitas” da Princesa do Lima - a Praça da República, outrora Praça da Rainha (mandada edificar pelo Rei “Venturoso” para as “Festas Públicas”...) – e provenientes das velhas ruas de Viana (Cândido Reis, Gago Coutinho, Picota, Sacadura Cabral, Manuel Espregueira, Bandeira, etc.....) começaram a convergir (quais

aves de arribação...) variados grupinhos de cidadãos bem arejados, alegres e asseados, de respeitáveis cabelos grisalhos, que vieram trazer à velha Praça vianense naquela calma e sonolenta manhã de sábado uma movimentação desusada, alegre e prazenteira, a pedir (quase!...) meças aos dias da grande romaria da Senhora da Agonia!...

Claro que me estou a referir à grande e fervilhante concentração dos “Sempre Excelentes e Valorosos” que, para sempre, farão parte integrante do Batalhão de Caçadores nº 2908, que ali desfilaram (ver foto anexa), também numa risonha manhã de Fevereiro e dali partiram há cerca de 40 anos, para umas desconhecidas e misteriosas terras no Norte de Moçambique!

Logo começaram a “tomar posições” estratégicas (e de reconhecimento...) naquele imenso triângulo, entre os três arcos ogivais dos antigos Paços do Concelho (do séc. XV), a bonita fachada do Palácio da Misericórdia (do séc. XVI) e, lá ao fundo, o actual Museu do Traje (antigo edifício do Banco de Portugal), tendo por “centro” o histórico Chafariz renascentista (do séc. XVI) – obra do famoso canteiro vianense João Lopes.

[Foi exactamente aqui que decorreram as cerimónias de despedida do nosso Batalhão, e onde teve lugar a cerimónia de atribuição das “Madrinhas de Guerra” aos Grupos de Combate! Lembram-se? Ainda nessa altura por aqui circulavam os carros, não o podendo agora fazer, já que (e muito bem!) toda esta grande área foi transformada em zona pedonal.]

Como atrás se refere, a costumada pacatez vianense foi assim surpreendida com a forte (quase duas centenas!...) presença daquelas pessoas de bem (combatentes e alguns familiares) – para quem a amizade sincera, o franco, aberto e generoso companheirismo (em suma, a verdadeira camaradagem), cimentados em tantos momentos duros e difíceis, não são palavras vãs, mas, bem pelo contrário, cada vez mais representam um imenso e profundo elo de união, constituindo, pois, um bem inalienável e imperecível – que lhes vieram trazer um palpitante, alegre e fervilhante colorido!

Os vianenses - quer os que passavam, quer os que se encontravam (aproveitando aquela bela manhã) espalhados pelas esplanadas dos cafés mais próximos (“Caravela” e “Praça Caffé”) - interrogavam-se, admirados com tão grande afluência de “forasteiros” e abeiravam-se de alguns dos “nossos” perguntando qual a razão de tão grande concentração. Depois de informados, ficavam pasmados a contemplar a alegria por todos partilhada e a intensidade fraterna e verdadeira daqueles fortes abraços que se trocavam, sentidamente!

- Isto, sim! Aqueles abraços são mesmo verdadeiros e sinceros! São puros! A enorme felicidade estampada naqueles rostos não engana! Por certo passaram juntos momentos de grande perigo e de grandes dificuldades! Só esses difíceis momentos são capazes de criar uniões e sentimentos tão fortes! São manifestações vindas mesmo do fundo do coração!

Assim “desabafava” um “passante” de freguesia próxima, que por ali deambulava, e se deliciava ao presenciar todos aqueles abraços e imensas manifestações de regozijo da nossa malta, cada vez que “mais um” dos nossos aparecia!

- Sabe,... eu tenho é imensa pena que o meu Batalhão não faça uma coisa destas!

- Ai sim? O senhor também esteve na Guerra Colonial? retorqui eu. – E não costumam reunir-se?...

- Estive, estive! Estive na Guiné logo que “aquilo” começou, de 1963 a 1965! Passámos lá muitos trabalhos! E tivemos, infelizmente, alguns mortos! Mas, quando cá chegámos, foi cada um para as suas terras! Nunca mais nos voltámos a ver! E só Deus sabe como eu gostava de voltar a encontrar aqueles grandes e verdadeiros amigos que lá fiz! A maior parte eram algarvios e açorianos, o que torna tudo ainda mais difícil! Mas não queria morrer sem voltar a vê-los! Principalmente os da minha Companhia!

- Pode ser que qualquer dia alguém se lembre e “toque a reunir”!... atalhei eu, desandando! ...

Aproveitei, pois, a “deixa”... para continuar a distribuir abraços e “bocas” aos múltiplos camaradas que iam chegando!

Agora era a vez do (ex-alferes checa!) Zé Manel Figueiredo e do seu filho Nuno, acabadinhos de chegar de terras de Oliveira de Azeméis, darem entrada no “arraial”!... E, devidamente munidos com as suas “digitais” (e, acautelando memória futura...), disparavam, solícitos, em todas as direcções!...

Seguiram-se o Armindo Matias (ex. furriel enfermeiro – evacuado nas primeiras minas no Moola) e o (ex-alferes médico de Pauila) Dr. Martins Ferreira, provenientes da capital!... Afinal, não conseguiram “arrastar” o (ex-alferes) Carvalho!... já que era suposto acompanhá-los.

Depois, três fortes abraços a três grandes amigos: o Carlos Costa e o M. Pereira (ex-alferes de Unango) e o Licínio Oliveira (ex-alferes sapador de Macaloge) - também sempre certinhos nestes encontros!

Era, pois, um não mais acabar!... Abraços! Imensos e sentidos abraços que se ouviam longe!... Berros, apelidos e gritos de guerra que ecoavam sonoros por toda aquela imensa Praça!...

E os camaradas iam chegando, chegando, à medida que o tempo passava!...

Não podendo (como bem entenderão) referi-los a todos, há dois que não poderei, no entanto, deixar de o fazer! Desculpem, pois, todos os outros!

São exactamente os dois homens de Pauila, que vieram, este ano, pela primeira vez, e que, por consequência, já não víamos há cerca de 38 anos!!!

Um era nada mais nada menos que o homem mais alto de Pauila!... Sim!... Esse mesmo!... O Domingos Couto! Lembram-se? Se mais não fosse, lembrar-se-iam certamente daquela vez em que tendo sido mordido por uma “mamba” (... numa operação de “nomadização”, para os lados da Mucalapa!...), tivemos que o trazer às costas, numa “maca” feita à pressa, até a local ainda distante, para ser evacuado! E, com aquele peso todo, estão a ver o filme!...

O outro era o Jesus Sousa, condutor de Pauila, que me ligou de França, a dizer que queria vir ao Convívio, mas que, com certeza, já não conhecia ninguém!...

Claro que, com o meu forte poder de persuasão!... (onde é que eu já ouvi isto?...), e com os meus sentimentais argumentos, lá o consegui convencer!

E era vê-lo ... ali junto ao Chafariz... embevecido, a olhar para todo aquele pessoal, a ver se “descobria” o ... Meira e o ... Faria (da Organização – a quem pediu para ser inscrito!...) de Guimarães!... que eram, afinal, os seus últimos contactos!...

E, muito a custo, lá me conseguiu localizar!

Sempre na retranca, lá me dirigiu a palavra,... a princípio algo ... “escafió” e receoso... :

- Eu sou o Jesus Sousa!...

- Ai sim? ...Parabéns!.. respondi eu em tom algo jocoso!

– E eu sou o Meira!...Mas já dali te estava a “topar”, graças às fotos que enviaste para o nosso Site! Venham lá esses ossos, pá! Já lá vão uns bons 38 anos que não nos vemos!... E lá nos cumprimentámos efusivamente.

- Mas eu não conheço ninguém!... volta ele à carga...

- Ai não?...Não conheces aqui o Lusquiños e o Cunha, das Transmissões?, o Dr. Bôcas!..., o “Pai da Gaja”? e o Rocha-Falseta? E ali o Orlando e o “Vidrinhos”, da (tua) guerra da ferrugem?... Ataquei eu... procurando ambientá-lo.

- Ah!... Já os estou a reconhecer!... confirmou, embevecido, a olhá-los, com acrescida curiosidade...

- O Orlando e o “Vidrinhos” continuam os mesmos finguelas!...disse, por fim, sorrindo.

E lá ficaram todos a “actualizar ficheiros” e a recordar velhas peripécias passadas naquelas Terras do Fim do Mundo... de Pauila!... e de Tete, pois então!...

Entretanto, o tempo ia passando... e as manifestações de júbilo pelo reencontro de amigos, selados com fortes e sentidos abraços, iam tendo lugar por toda aquela imensa “Praça” vianense!...

Agora, chegava ao coração da “Praça” um combatente muito especial!... distribuindo saudações, bênçãos e sorrisos em todas as direcções!

Era nem mais nem menos do que o nosso (ex-alferes) capelão - Revm^o Pe. José Maria Gomes Pereira - que deixou tudo e todos para poder cá estar presente e dar um abraço amigo a toda a rapaziada!

- Meira!... disse-me há largos meses o nosso amigo Padre Zé Maria. – É só dizerem-me o dia e a hora para eu “marcar” na minha agenda, e não me comprometer com ninguém, e lá estarei! Sabes bem a vida ocupada que eu tenho!

E assim fez, tal como prometeu! Ali estava, pois, à nossa beira! Cumprindo religiosamente com o prometido – passe a redundância!...

Largou tudo (e todos) pois não podia, em data tão especial, deixar de acompanhar, neste tão importante e festivo Convívio, aqueles com quem durante dois anos partilhou, dia a dia, momentos bons e maus, de alegria e de tristeza, de euforia e de desânimo, a todos estendendo sempre o ombro amigo e levando carinhosamente a sua palavra doce e compreensiva, positiva e terna, cativante e moralizadora!

Naquela imensa Praça contavam-se e reviviam-se histórias e peripécias passadas há quase quatro décadas e – coisa curiosa – não sei se se deram conta, mas naquele dia (como já aqui no “Livro de Visitas” foi referido, de resto, pelo nosso amigo Lusquiños), regressámos, como que por milagre, aos nossos “verdes vinte anos” daquela altura!...

O tempo passava rapidamente e aproximava-se a hora da Missa!

O Padre Zé Maria (conjuntamente com o seu fiel e dedicado “acólito” Cadete...) já se tinha dirigido para a velha e imponente Sé Catedral de Viana do Castelo (edifício românico-gótico do séc. XV, bem perto da Praça da República onde nos encontrávamos), onde iria ter lugar (às 12,00 horas) a cerimónia da Missa, a fim de se paramentar, “checar” toda a logística inerente ao acto solene e de “acertar” as últimas ideias para a “aniversariante” homilia.

Agora era o Valente que, todo afogueado (!...), apelava encarecidamente a todos para (pelas alminhas!...) tomarem lugar na escadaria do monumental Chafariz, a fim de ser tirada a tradicional “Foto de Família”!...

Finalmente (mas com muito custo...), lá se conseguiu reunir a maioria do pessoal na escadaria e, enquanto uns davam o último retoque às “fartas”(?) melenas... e outros levavam o que lhes restava dessas parcas manifestações pelasas,... do Rossio... para o... Marquês de Pombal?!!...

Lá se articularam, por fim, os maxilares, para enfrentar as “máquinas” com o (sempre...) amarelado sorriso (!?!) e se começaram a ouvir os característicos sons das “secas” e sonoras “batidelas”: “chap-chap”!... “chap-chap”!...

“Batidas” as referidas “Chapas” – confirmadas pelos consequentes e luminosos “Charriscos”(?!?)... - rumámos então rapidamente para a Sé-Catedral que eram dali dois passos.

Aquela velha e imponente Sé encheu-se com o pessoal do nosso Batalhão e seus familiares, para ouvir a sábia, iluminada, esclarecida e inspirada palavra do nosso ex-capelão e querido amigo Reverendo Padre José Maria Gomes Pereira que, envergando os seus elegantes e escarlates paramentos, e abarcando com o seu amplo e contagiante sorriso todo o vasto, atento e interessado auditório, se preparava para dar início à cerimónia.

Iniciada esta, seguiu-se a “saudação trinitária”, prosseguindo-se depois com a “Liturgia Verbi”, ouvida com rara e sentida atenção e empenho por todos os presentes. Fomos de seguida brindados com uma notável, brilhante e inesquecível “homilia” do Padre Zé Maria que, em dia de sublime inspiração, galvanizou toda aquela extensa, atenta e silenciosa assistência.

A Saudação aos presentes (e ausentes), e a lembrança dos 40 anos (da nossa partida) que estávamos a comemorar! A conexão com o bíblico número 40!... Dos 40 anos de peregrinação de Moisés errando pelo deserto... rumo à terra prometida, aos 40 dias e 40 noites do dilúvio!...

Abordou seguidamente, com espírito elevado, as nossas missões em África (onde já voltou algumas vezes em missão), as duras e pesadas provações porque todos passaram, os mortos e feridos, a falta de solidariedade das entidades competentes, as imensas dificuldades e o “abandono” a que têm sido votados os antigos combatentes, como coisas já sem valor, já sem interesse!... enfim! Desiludido com quem tinha o dever e a obrigação de ajudar a minimizar o sofrimento daqueles que, ainda meninos na flor da idade, deram tudo, sem nada terem pedido em troca!

Não deixou de acentuar também, com rara acutilância, a força dos combatentes (- não gosto das palavras “ex” ou “antigos” combatentes... disse! – Nós somos e seremos sempre COMBATENTES!)! – E que nunca se esqueçam que somos largas centenas de milhares!... disse com particular ênfase!

Lembrou também, com forte e comovedora veemência, a obrigatoriedade moral de TODOS, na ajuda àqueles (combatentes) que se encontram a passar por inúmeras dificuldades! Que, infelizmente, nos tempos que correm, são muitas, como referiu.

Prestou depois homenagem sentida aos camaradas do nosso Batalhão já falecidos, lendo, de seguida, uma pequena relação dos mesmos.

Finalizada essa leitura, solicitou que, caso tivéssemos conhecimento de mais alguns camaradas falecidos e não citados anteriormente, em voz alta, referíssemos os respectivos nomes.

Assim se procedeu, tendo sido citados ainda vários, por alguns camaradas, enquanto um estrondoso silêncio se fazia ouvir pelas altas naves de toda a Catedral!

Foram momentos verdadeira e enternecidamente sentidos, que comoveram e calaram fundo em todos os combatentes presentes e seus familiares!

Sugeri, depois, a necessidade de esses nomes serem actualizados, em rubrica a criar no nosso Site. Sugestão que, como devem ter reparado, já está a ser seguida.

Por fim, a Bênção Final, os Parabéns e o desejo sincero de um Feliz e Alegre Convívio no qual, obviamente, também iria tomar parte activa!...

Obrigado, camarada e amigo Zé Maria! Gostámos imenso de ouvir-te!

E, olha... quanto ao “coro” (um pouco é certo...) débil e levemente (!!!) desafinado, com alguns sustentidos e bemóis fora do contexto... e a parte “cantante” (da clave de Fá...) com uns ligeiros decibéis abaixo!... podes ficar sossegado!...

Serão envidados todos os esforços no sentido de que, na próxima actuação, o seu desempenho possa estar bem mais consentâneo com a (tua) sempre encantadora, inspirada e galvanizadora actuação de notável e brilhante Solista!...

As senhoras (bem mais) participantes e activas, abordadas acerca desta importante temática (para a qual – sem qualquer tipo de discriminação – estão mais “vacionadas”!...) comprometeram-se em dinamizar os ensaios (!...) e levar o assunto a peito, prometendo não deixar os seus créditos por alheias mãos!...

Escusas, pois, caro Padre Zé Maria, de ficar descansado!...

À saída da Sé, comentava-se a notável homilia. E, como a barriga começava a “dar horas”, havia que, rapidamente, rumar à Quinta do Fincão!...

[Subir a Avenida dos Combatentes (a caminho da estação dos Caminhos de Ferro, lá ao cimo!); aí, virar à esquerda, contornar (sempre) o Viana Shopping até à rotunda em frente ao Hospital; curvar nessa rotunda para a esquerda, em direcção ao mar e, na 1ª rua à direita (a +/- 50m e a subir...), virar e seguir sempre em frente, pelo sopé do monte, durante +/- 2.800 metros, e estaremos na Quinta do Fincão!]

Foram estas as indicações dadas e, a bem dizer,... o pessoal (sem “carta” topográfica, carta de marear ou bússula!...) lá chegou (quase...) todo bem certinho!... Não é verdade, amigo M. Hespanhol? ...

Claro que, responsabilmente e como as NEP's recomendavam, a “picagem” (???) e o presencial “reconhecimento” já tinham sido feitos na noite (!!) anterior!... por um grupinho de intrépidos voluntários!...

+++++

Sim!... Mas não por ordem de qualquer Serrote Nunes ou Luizinho (que Deus tenha)!...

É que na noite anterior efectuei uma “visita relâmpago” de reconhecimento ao local onde se iria “mear” e terminar a nossa tão ansiada “Operação Viana”!...

Mas já outros camaradas tinham tido a mesma (boa, de resto, ... que não peregrina!?) ideia!... Não fossem no dia seguinte surpreendidos por quaisquer faltas de “rações de combate”, inesperada emboscada!... ou desleal, covarde e traiçoeira mina!...

Não se poderia, pois, correr esse “grave” risco!...

Lá dei, pois, de caras, com essa ruidosa “turminha”, muito divertida, voluntariosa e alegre, “formada” ao redor de duas grandes mesas redondas, à volta das quais esses camaradas e amigos – velhos “Tigres do Niassa” - e algumas esposas, punham à prova as especialidades gastronómicas da Quinta do Fincão, regadas com condizente e sublime néctar, e reviviam cenas e peripécias – as mais variadas – com que nos defrontámos naquele norte moçambicano, durante o início dos anos setenta do século passado!

Para memória futura, passo a referir (como o “caso” não está ainda em... “segredo de justiça”???) o nome de alguns desses aguerridos “comensais”(me perdoem quaisquer omissões, de quem porventura já me não lembre, ou cujos nomes não sei!...), já que, como compreenderão, a memória... já vai... faltando!...

Et voilà (como diz o meu amigo francês!...):

- O A. Valente, o F. Cadete, o Medina Correia, o Zé Araújo, o Silva Pereira, o Marino Neiva (ou “Xemaine”!...), o Zé Lopes, o Helder Peon, o Carlos Ribeiro, o Barroca, aqueles dois ex-furriéis algarvios que vão sempre “a todas”!... (que, por isso, muito admiro, mas de quem não sei os nomes), etc. etc. etc.

Lá passei com eles um bom bocado, revivendo também estórias da nossa ampla e multifacetada história comum!... acabando (dado o adiantado da hora...) com um “brinde” final com champanhe “francês” e uns acalorados (apesar do frio...) “até logo”!

+++++

As instalações, no sopé (Oeste) do monte de Santa Luzia, eram amplas, airosas e bem arejadas, compostas por duas amplas e acolhedoras “salas”; uma - a maior – destinada aos “ex-combatentes”, sendo a outra (com ligação entre ambas, refira-se) pouco mais pequena, para os familiares.

Havia uma extensa varanda voltada a Poente, de onde se podia admirar o Atlântico, lá ao fundo e, à sucapa, satisfazer o (terrível e inveterado...) vício fumista de alguns (e... algumas...) que, de quando em vez, para lá faziam umas retiradas estratégicas!...

- Aberta a “porta d’armas”, o pessoal lá se foi “acantonando” pelas grandes e redondas mesas, em “grupinhos de trabalho”, aí se despojando de “ponches”, “dólmanes” e “cartucheiras”, “aliviando-se” assim dos incómodos empecilhos e preparando-se para iniciar o ataque aos... “entretantos”!...

Os cabos Bôcas e Moura, ao fundo, de copos em riste, auscultando as “debilidades” do campo IN – muitas, variadas e a explorar... – deram por iniciadas às “hostilidades”, lançando-se aos aperitivos líquidos, enquanto uns orientais odores dos “sólidos”, mesmo ali ao lado e ainda fumegantes, começavam a “provocar” as nossas delicadas e sensíveis narinas!...

Desencadeada a “emboscada” e aproveitando, claro, o factor “surpresa” (!?!...) lançar-nos-íamos, a breve trecho, sobre estes, mormente aqueles que, inadvertidamente (?), tiveram o azar de cair na “Zona de Morte”!...

E que eram imensos, coloridos e variados!

Quentes, frios e assim-assim!... Era, pois, grande, farta e difícil a escolha!... Um não mais acabar daqueles apetitosos “miminhos” minhotos!...

Aí marcavam forte presença os inimitáveis rojões, a famosa dobradinha, a succulenta feijoada, as picantes moelas, os divinais pastéis de bacalhau, as adoráveis pataniscas, as azeitonas, o chouriço, o presunto, os rissóis, os croquetes, etc. etc.

Na realidade, só faltaram mesmo as nossas velhinhas... “rações de combate”!...

Terminada a movimentada e multifacetada “operação buffet”, e já todos “bem aviados...” (com alguns também... já um pouco “avinhadados”!...) regressámos, por fim, ao salutar conforto das mesas redondas, a fim de dar continuidade aos “trabalhos”!... Já bastante mais “calmos”, mais “faladores” e, naturalmente, mais “ponderados”!...

A aparelhagem sonora, como que querendo associar-se também ao nosso Aniversário, lançava naquele momento para o ar (através de CD que alguém... teve o cuidado de levar...) muito suavemente e como música de fundo, velhas e conhecidas canções do nosso velho conhecido Cancioneiro do Niassa, que tanta companhia nos fizeram naqueles difíceis anos de guerra!...

Era o inconfundível “Hino do Lunho”, a recordar algo que tão bem conhecíamos!

No céu cinzento sob o astro mudo,
Batem os hélices na terra esquentada,
Vêm em bandos, com pés de veludo,
Chupar o sangue fresco da manada!...
Se alguém se engana com seu ar sisudo,
E lhes franqueia as portas à chegada,
Só mandam vir, só mandam vir,
Só mandam vir e não fazem nada!...

.... ..

Por todas aquelas mesas e por entre uma contagiante alegria (entre verdadeiros camaradas e amigos que passaram dois anos dos mais marcantes das suas vidas lado a lado, enfrentando em conjunto perigos e dificuldades), contavam-se as mais variadas e inopinadas histórias, compostas quase sempre por pícaros episódios, os mais fantasmagóricos e inverosímeis, ocorridos vezes sem conta por aquele chão moçambicano que, para todo o sempre, ficará fazendo (quer queiramos ou não) parte integrante do nosso vasto e enriquecido património colectivo!

Voltávamos, assim, aos nossos tempos de quase imberbes meninos!... Aos nossos vinte anos!... As cenas (como que por encanto...) estavam ali mesmo, à nossa frente! ...

Na “minha” mesa – com o Zé Araújo, o capitão Rocha, o M. Hespanhol, um furriel enfermeiro de Macaloge (que esteve em Pauila durante as férias do nosso médico) mas de que me não recordo o nome, o Zé Manel Figueiredo, o dr. Martins Ferreira, o Novo, o Freitas... - recordaram-se e lembraram-se imensas coisas, imensos factos e imensos e variados acontecimentos!... Desde o inconfundível céu vermelho do entardecer africano!... aos míticos e misteriosos sons sentidos, ao cair da noite, no interior das matas!... Dos quilómetros palmilhados ora subindo e descendo morros íngremes, ora atravessando rios!... aos episódios, os mais diversos,... do levantamento das famigeradas minas!... à hilariante “cena” do “Hematoma do capitão”!... Com os inevitáveis voos, sem pára-quedas, do Josefa e do Rochinha!... passada aquando da “abertura” da Picada de Olivença... lembram-se?... Os de Pauila, por certo que sim!... E, acreditem, foram uns momentos animados e deleitosos ... com o capitão Rocha como que ainda a ... sentir as dores no traseiro!... Lembras-te Josefa?...

Os ponteiros do relógio, insensíveis, continuavam a sua marcha implacável! O Sol caminhava apressado para o seu ocaso, aproximando-se da linha do horizonte! E, se lhe faltava aquele inconfundível tom avermelhado de África, também este no Norte Atlântico, no paralelo de Viana do Castelo tem os seus belos e inegáveis encantos!

Os filetes de peixe (importados das margens do Lumbiza e do Moola...) e carne assada das palancas criadas nas úberes, férteis e abundantes terras de Sanga, Pauila e Unango (com todas as repetições que se desejaram...) já para trás tinham ficado há bastante tempo!...

No bar (qual polivalente “cantina do Manel”!...), os cafés “do meio” acompanhados de renomados digestivos, saíam em catadupa!...

Agora era o nosso amigo e Reverendo Padre Zé Maria que se vinha despedir, pois tinha que dar o salto até Felgueiras, já que outros ... há muito aguardavam a sua sempre estimada presença!

Um forte abraço selou a nossa despedida, não se esquecendo, no entanto, de me lembrar:

- Meira, quando souberes local e data do próximo, avisa-me! Para eu me não comprometer com mais ninguém!... OK?...

- OK, Zé Maria! Vai descansado! Logo que tenhamos isso definido, avisar-te-ei! disse, - até porque nunca prescindiremos da tua indispensável e cativante presença!

E lá partiu o amigo Padre Gomes Pereira, à procura da sua “estafada” carripana, a fim de rumar a uma nova missão, em terras felgueirenses!

Junto ao balcão, aguardando o “sossegante” cafezinho, o nosso amigo Bôcas, conjuntamente com o Joel, o Lusquiños e o Cunha recordavam aquela já longínqua “Passagem d’Ano” de 1970 no edifício das Transmissões de Pauila!... com o Pinto, o Dinis e o (valenciano) Silva, a cantarem o fado, de manta castanha às costas, ante o olhar pasmado do “Alvezes”!... depois de esvaziadas umas quantas grades de “2M”, de Martini!... e de... “Água de Lisboa”!...

Foi, pois, já com a tarde quase no fim que o “capitão” Rocha (fazendo peito!...), ao fundo da sala e junto ao enorme Bolo de Aniversário, de microfone em punho, se dirigiu a todos os presentes.

E foi com palavras repassadas de emoção e de grande sentimento que agradeceu e elogiou a forte presença de todos – uma das maiores de sempre! –, com menção especial para aqueles que de mais longe se deslocaram e de outros que deram primazia ao nosso Convívio, “sacrificando” outros – caso do nosso querido amigo e Reverendo José Maria Gomes Pereira. Saudou ainda a excelente Organização, que, em todos os aspectos, esteve simplesmente impecável! Opinião, de resto, partilhada por todo o pessoal!

E terminado o “discurso”, de “catana” em punho, preparava-se para iniciar o “esquartejamento” do enorme bolo de Aniversário!

Taças no ar!... As rolhas do champanhe, sonoras, a bater no tecto e o precioso néctar caindo e refrescando as já (por demais...) ressequidas goelas!...

E foi com as luzes (da ribalta!...) já acesas que o pessoal – primeiro, os que iam nesse mesmo dia para mais longe, e que eram a grande maioria – a contra-gosto, se começou a despedir, com uns sentidos: - “Até ao Ano”, gente! Até ao ano!

- Também aqui em Viana!!!... Quem sabe!... diziam uns!...

- Cá por mim... dizia outro, - pode ser novamente nesta linda terra!...

- Ou aqui, ou em Chaves! Sempre são as terras que nos dizem alguma coisa!... alvitrava um terceiro, já desandando!...

- Até ao ano, amigos! Tende boa viagem!... disse alguém que passava, ainda de taça na mão!...

- Mas o dos 50 Anos (... e já só faltam 10!...) terá de ser mesmo ser aqui!... diziam muitas das vozes, nas (sempre tristes) despedidas!

Eu, cá por mim (embora sendo suspeito...) não posso estar mais de acordo!...

“ VOX POPULI, VOX DEI “ !...

Eram já quase 19,00 horas quando, depois das despedidas da praxe, abandonámos a Quinta do Fincão! E digo abandonámos (e não abandonei...) porque fui indicar o caminho a dois “Tigres do Niassa”, para uma doce e acolhedora “Palhota” onde iriam pernoitar, já que não se não quiseram “abalançar” a uma (sempre problemática...) “picagem” até Lisboa, bastante estafados e àquela hora do dia (ou da noite, mais precisamente!).

Os dois “Tigres” eram os meus queridos e particulares amigos Martins Ferreira, antigo Médico de Pauila, e Armindo Matias, ex-furriel Enfermeiro do meu Grupo de Combate.

A “Palhota” por mim indicada era nada mais nada menos que o “Hotel Flor do Sal”, maravilhosamente situado na Praia Norte em Viana do Castelo, ali mesmo, a dois passos do mar!... Uma agradável maravilha da natureza!... Como eu já sabia e eles me confirmaram depois! Não é verdade, caros amigos Zé Mário e Armindo Matias?...

Aliás, dei esta mesma informação ao Carlos Ribeiro e ao Zé Araújo, antes de sairmos da Quinta do Fincão!

E, meus mui prezados e ilustres camaradas e Amigos, aqui fica, a traços largos e com todas as naturais deficiências, a minha linear versão dos acontecimentos!...

NOTA SUPLEMENTAR:

PS 1 : Em 06.02.2010, em Viana do Castelo, estiveram presentes 124 Combatentes e 64 acompanhantes!

PS 2 : De PAUILA éramos 31 combatentes que, de memória, passo a citar:

“capitão” Rocha, Meira, Martins Ferreira, Figueiredo, Matias, Silva, Henriques, Rocha (“Falseta”), Dias, M. Fernandes (“Pai da Gaja”), Moura, Freitas, Jesus Sousa*, Couto*, Orlando, Soares (“Bôcas”), Joel, Pimenta Machado, Correia, Cunha, Merciano, Magalhães, Lusquiños, Tomás, Macedo, Novo, Castro, Bastos de Sousa, Cerdeira, Manel da Cantina e Vidrinhos.

* Os que vieram pela 1ª vez! Que já nos não víamos há 38 anos!

- Desfile em Viana do Castelo em 02 de Fevereiro de 1970.

Antas, 17 de Março de 2010.

AMÂNDIO MEIRA